

PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO EJA SOBRE ASPECTOS DO RACISMO ESTRUTURAL PRESENTES EM NOSSA SOCIEDADE

Ana Lúcia Gonçalves Rosa ¹

RESUMO

O trabalho é fruto de registros realizados a partir do projeto desenvolvido no mês de novembro, com o tema da Consciência Negra. Foram realizadas apresentações de curtas metragens. Após a apresentação dos curtas ocorreram debates em sala de aula. Dois curtas foram apresentados: “Dudu e o lápis de cor” e “O xadrez das cores”, ambos abordando temáticas relacionadas ao racismo e consequentemente ao tema da Consciência Negra que era nosso objeto de estudo com os estudantes do EJA (Educação de Jovens e Adultos), para os quais os curtas foram apresentados. Na realização do projeto foi utilizada a metodologia de pesquisa documental, com objetivo de entender a percepção de estudantes do EJA sobre os aspectos do racismo estrutural presentes em nossa sociedade. A partir da apresentação e posterior análise dos curtas metragens, foram realizadas atividades de debates e produções textuais, os quais foram ocorrendo de forma a possibilitar reflexões sobre o racismo presente em nossa sociedade, sobre a manutenção da ideia de democracia racial existente em nosso país e também sobre o “o paralelismo entre cor negra e posição social inferior”, entre outras questões colocadas por autores como Djamila Ribeiro e Silvio Almeida que foram norteadores desse projeto, de modo a discutirmos o racismo estrutural presente em nossa sociedade, suas características e a percepção dos nossos estudantes sobre o tema.

Palavras-chave: Racismo, Consciência Negra, Preconceito.

INTRODUÇÃO

Todos os anos é comum nas Escolas realizarmos trabalhos relacionados à questão da Consciência Negra, sendo assim, no ano de 2020, mesmo trabalhando de forma remota, com salas de aula virtuais, através do uso do google classroom, por estarmos vivendo um período de pandemia do Covid-19 e consequente isolamento social, realizamos um projeto visando trabalhar essa temática. O presente trabalho apresenta o projeto realizado nas aulas de História ocorridas no ano de 2020, na Escola Municipal Professor Florestan Fernandes, localizada na cidade do Recife, Pernambuco,

¹ Escola Municipal Professor Florestan Fernandes - PE, analuciarosa.hist@gmail.com

no bairro do Ibura, com estudantes do Módulo V, da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Como parte da discussão sobre o dia 20 de novembro, o dia da Consciência Negra, foram apresentados aos estudantes dois curtas-metragens que tratam de questões pertinentes a essa temática. O primeiro curta de título “Dudu e o lápis cor da pele”, que tem 18 minutos de duração e foi produzido no ano de 2018, pelo diretor Michel Rodrigues.

O curta apresenta as muitas indagações feitas por Dudu, uma criança negra, estudante de uma escola particular de classe média de São Paulo, que, ao ser orientado por sua professora para usar o que ela chama de “lápis cor da pele” para realizar uma atividade de Artes, inicia um processo de busca de identidade, para isso, tenta entender como aquele lápis poderia representar a “cor da pele”, ou seja, a cor da sua pele, dos seus familiares, colegas e de tantas outras pessoas.

O outro curta trabalhado tem o título “O xadrez das cores”, tem duração de 22 minutos, foi produzido no ano de 2004, com a direção de Marco Schiavon e tem como enredo, o difícil cotidiano entre uma patroa branca e sua empregada negra. O desenrolar da narrativa apresenta uma senhora idosa, debilitada, precisando de ajuda com a casa e com o uso de suas medicações, mas, que ainda assim, apresenta um comportamento extremamente racista para com sua empregada, diante da qual se sente e se diz superior em várias atitudes e palavras, tendo como argumento para seu lugar de superioridade, o fato de ser branca e a empregada ser negra.

A apresentação e análise dos curtas metragens escolhidos para o desenvolvimento do projeto teve como objetivo, abordar o tema da Consciência Negra de forma elucidativa através da apresentação e discussão acerca de práticas e atitudes racistas, que infelizmente, na maioria das vezes ainda são corriqueiras em nossa sociedade. As situações narradas trouxeram para nossas turmas, a possibilidade de debater, de provocar reflexão, com isso, objetivamos entender a percepção dos nossos estudantes do EJA sobre aspectos do racismo estrutural presente em nossa sociedade.

A importância da realização do projeto na Escola advém do fato de que vivemos em uma sociedade que a priori se diz não racista, o brasileiro em geral, seguindo como

afirma Djamila Ribeiro reproduz a ideia da “Democracia Racial” que justifica a negação da existência do racismo.

Como vimos, a maioria das pessoas admite haver racismo no Brasil, mas quase ninguém se assume como racista. Pelo contrário, o primeiro impulso de muita gente é recusar enfaticamente a hipótese de ter um comportamento racista: ‘Claro que não, afinal tenho amigos negros’, ‘Como eu seria racista, se empreguei uma pessoa negra?’, ‘Racista, eu, que nunca xinguei uma pessoa negra?’ (RIBEIRO, 2019, p. 37)

A negação do racismo existente no Brasil tem como prerrogativa, a ideia de racismo enquanto aversão direta a pessoas negras, o racismo no âmbito da ação individual, entretanto, é preciso ir além dessa questão e entender o racismo como estrutura fundamental das relações sociais, que cria desigualdades e abismos, como o afirma Djamila Ribeiro, em seu livro *Pequeno Manual Antirracista* (2019, p. 12). Portanto, pensar que o racismo é sempre estrutural, é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade, como coloca Silvio Almeida, em seu livro *Racismo Estrutural*, (2021, p. 20-21)

METODOLOGIA

Sendo um trabalho de pesquisa documental, considerando como o afirma, Hortência de Abreu Gonçalves, em seu *Manual de Metodologia da Pesquisa Científica*, “De origem latina, documentum significa todo material escrito ou não [...] ampliando, assim muito mais seu campo de atuação, pois considera também documentos como fotos, filmes e audiovisuais” (2014, p. 60), nesse sentido fizemos a análise dos dois curtas-metragens citados anteriormente, com isso, objetivamos construir um ambiente de reflexão e construção de uma postura crítica por parte de nossos estudantes para uma posterior compreensão das condições sociais, culturais e históricas que possibilitaram a construção do racismo no Brasil com todas as suas características.

A partir da apresentação e posterior análise dos curtas “Dudu e o lápis cor da pele” e o “Xadrez das cores”, foram realizadas atividades de debates, os quais foram ocorrendo de forma a possibilitar inúmeras indagações sobre as desigualdades existentes entre brancos e negros na sociedade brasileira, questionou-se, por exemplo, como e o que tornou possível “o paralelismo entre cor negra e posição social inferior” (RIBEIRO, 2019, p. 11). Como foi construído o racismo no Brasil e quais suas características

específicas que possibilitam a aparente convivência pacífica e igualitária entre brancos e negros, mas, que quando analisadas, por exemplo, as condições de vida e de mortes de brancos e negros evidencia-se as desigualdades existentes que segregam e colocam em posição de inferioridade homens, mulheres, crianças, enfim, negros e negras, sendo esses as maiores vítimas de homicídio no país, como aponta o Atlas da Violência de 2019.

As discussões seguiram levantando as indagações e posteriormente oferecendo referenciais teóricos para uma melhor compreensão sobre como apresenta-se o racismo em nossa sociedade e como é importante analisar nossas atitudes cotidianas e buscar ações antirracistas. Após isso, foram feitas produções textuais e/ou pesquisa de textos e poesias que representassem a percepção dos estudantes sobre o racismo presente em nossa sociedade e que foram apresentadas de forma virtual pelos estudantes, através do uso do aplicativo Jamboard.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição e análise dos curtas-metragens feita em sala de aula virtual, possibilitaram a apresentação de exemplos de práticas e atitudes racistas, como consequência, foram sendo construídos debates a partir das representações apresentadas e aos poucos os estudantes também foram relatando situações semelhantes, vividas por eles mesmos em seu cotidiano ou por parentes e/ou pessoas conhecidas.

Com a apresentação do primeiro curta metragem “Dudu e o lápis cor da pele”, iniciamos o debate incentivando os alunos a organizarem-se em dois grupos, o dos que eram a favor da mãe do menino Dudu, que acusava a professora de ter agido de forma racista ao solicitar do aluno um desenho produzido com o lápis “cor da pele” e um outro grupo dos que estavam ao lado da professora que afirmava não ter praticado nenhuma atitude racista. No início, os estudantes buscavam apenas apresentar seu ponto de vista e garantir que esse fosse a verdade absoluta, porém, com o desenrolar do debate foram sendo colocados questionamentos do tipo: “se sabemos que não existe uma cor única de pele, então, por que buscar uniformizar os desenhos de pessoas, produzidos na Escola com uma única cor de lápis?”. “Qual a necessidade e o que tornou possível a ideia de

existência de uma única cor de lápis para representar todas as cores de pele?”, enfim, os questionamentos que emergiram, ampliaram o debate e a discussão inicial sobre um lápis “cor da pele”, evidenciou muitas outras questões, com isso, os estudantes puderam perceber, sim, a presença de uma atitude racista e entender que de tão repetida ela possibilita a manutenção e reprodução do racismo, como o afirma Silvio de Almeida

[...] pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um alibi para racistas. Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas. Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas. (ALMEIDA, 2021, p.51-52)

Com o outro curta, “O xadrez das cores”, apresentamos as inúmeras atitudes e comportamentos racistas por parte de uma patroa branca, em seu cotidiano com a empregada negra. A relação entre patroa e empregada é pautada em diretrizes que a hierarquizam a partir não apenas da posição social, como e principalmente da questão racial, de forma que a patroa mesmo precisando do trabalho e dos cuidados da empregada, considerando que já tem idade avançada e problemas de saúde, ainda assim, coloca-se em posição de superioridade, desconfiando da empregada e a humilhando em vários momentos, sempre enfatizando que é superior em vários aspectos, inclusive mais inteligente, tudo isso, simplesmente por ser branca. Diante desse enredo, os estudantes imediatamente reagiram e verbalizaram sua revolta contra a postura da patroa, ao mesmo tempo em que afirmaram que aquela situação de ficção apresentada no curta-metragem pode ser identificada em situações reais conhecidas por muitos deles.

As discussões emergidas após a apresentação dos curtas, nos deram um panorama inicial a respeito da percepção de nossos estudantes do EJA sobre o racismo. Nossos estudantes entendem e percebem o racismo nas mais variadas relações sociais; apresentam desejo em discutir sobre o assunto e para isso, recorrem a uma busca em nossas raízes históricas, falam da escravidão, dos sofrimentos infringidos aos homens e mulheres, negros e negras escravizados por pessoas brancas, e fazem comparações entre os sofrimentos e dificuldades enfrentados pelas pessoas negras escravizadas na época em que o Brasil era um país escravocrata, com situações atuais vividas pelas pessoas

negras no Brasil; enfim, nossos estudantes deixam claro o quanto a temática da Consciência Negra e racismo os incita a um intenso debate. Sendo moradores de uma comunidade pobre do subúrbio do Recife, composta por uma maioria de pessoas negras e pardas, ao longo das discussões falam de todas as dificuldades enfrentadas em uma sociedade racista, na qual identificam inúmeras situações de preconceito e racismo. Nesse sentido apontam em suas falas a percepção de que existe um distanciamento muito grande entre a forma como são tratadas pessoas brancas e como são tratadas as pessoas que se identificam ou são identificadas como negras e pardas nos diversos e mais diferenciados espaços sociais, desde a escola, por exemplo, a ambientes de trabalhos, ou seja, fica claro que percebem um enorme fosso que possibilita melhores condições e privilégios para os ditos e considerados como brancos e uma série de dificuldades e preconceitos para com os negros e pardos.

O desenvolvimento do projeto com a realização dos debates e produção de textos e poemas, possibilitaram o entendimento de que nossos estudantes demonstram a necessidade e interesse em ampliar essas discussões, pois que, o racismo permeia as várias relações sociais presente em nossa sociedade, de tal modo que como afirma Silvio Almeida, “as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade” (2021, p. 21).

Os estudantes revelaram vivências, situações reais que causaram dor e revolta, as falas, porém, que foram e são muitas vezes silenciadas como forma de superação ou como demonstração de descrença em mudanças, pois que, constatam, se repetem ao longo dos anos e até dos séculos na história do Brasil, na vida de homens e mulheres, negros e negras.

Frente aos questionamentos suscitados, as reflexões que vieram à tona, buscamos discutir as práticas racistas existentes no Brasil situando-as dentro de um contexto histórico e social, no qual apontamos para a necessidade de reconhecer o caráter estrutural do racismo, objetivando também, não apenas entender a percepção de nossos estudantes sobre o racismo estrutural presente em nossa sociedade, como também, sobre a possibilidade e necessidade de pensar e repensar atitudes e comportamentos racistas. Realizar a reflexão a respeito das atitudes racistas indicam o desejo de identifica-las, tirá-las da invisibilidade, como aponta Djamila Ribeiro, (2019,

p. 30), pois que, só a partir da percepção de tais atitudes é que se torna possível, questioná-las, repensá-las e conseqüentemente assumir novas posturas de enfrentamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão acerca do racismo estrutural é legítima e necessária e precisa fazer parte do nosso cotidiano escolar. Abordar em nossas escolas o tema do racismo, refletir sobre atitudes e comportamentos racistas, é bastante pertinente, pois que, a Escola, por um lado, é uma das principais instituições onde primeiramente se sofre com práticas racistas, mas que, também é o espaço que possibilita um melhor enfrentamento contra tais práticas.

Discutir em nosso meio escolar sobre as atitudes e condutas racistas. Entender as condições históricas, culturais e sociais que tornaram possível a perpetuação das desigualdades sociais entre negros e brancos em nosso país é de extrema importância na busca pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao apresentar práticas racistas presentes em nossas relações sociais, e refletir sobre como contribuem para a naturalização de uma lógica excludente que produz e reproduz o racismo estrutural, trazemos a possibilidade de reflexão sobre o que tornou possível a construção desse racismo, as suas características e o fato de que precisamos apontar para a existência de possíveis práticas antirracistas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural – São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. Manual de Metodologia de pesquisa científica- 2º ed. – São Paulo: Avercamp, 2014



RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista- 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019

<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/19/apos-ano-de-mobilizacoes-percepcao-sobre-racismo-aumentou-na-cidade-de-sp.htm>

Dudu e o lápis cor da pele. Direção: Miguel Rodrigues. Produção Take a Take Films. Brasil. 2018. 18 minutos. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=-VGpB_8b77U. Acesso em: 18 set, 2021.

O xadrez das cores. Direção: Marco Schiavon. Produção de: Marco Shiavon, Midmix Entretenimento. Brasil. 2004. 22 minutos Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NavkKM7w-cc>. Acesso em 18 set, 2021